

# TEXTOS

p r e t e x t o s

NÚMERO QUATRO  
VERÃO DE DOIS MIL E QUATRO  
10 EUROS



*O Silêncio*

# Índice

- 6 ● : **Texturas** (Ensaaios)
- 10 \* : Silêncio: impossibilidade e urgências poéticas em Luíza Neto Jorge  
por Ana Luísa Alves
- 20 \* : Ouvir o silêncio  
por Maria João Mayer Branco
- 30 \* : Quando o silêncio se faz corpo: o inconfessável desejo da escrita medieval  
por Carlos F. Clamote Carreto
- 42 \* : Story of a Prague silence: when realism becomes taciturn  
por Matteo Colombi
- 56 \* : Mo(vi)mentos de silêncio: de Penélope a Mallarmé  
por Ana Sofia da Silva Couto
- 66 \* : Loquacidade do silêncio  
por Tito Cardoso e Cunha
- 74 ● : **Contra-senha** (Testemunhos)
- 80 \* : Fernando Campos
- 81 \* : Maria Teresa Dias Furtado
- 83 \* : Jorge Mantas
- 87 \* : Margarida Braga Neves
- 88 ● : **Contra-senha** (Reportagens)
- 93 \* : A religião: Do vazio à fecundidade  
por Cláudia Coutinho e Sara Ramos Pinto
- 100 \* : A arquitectura: Manuel Graça Dias: (entre)vistas e silêncios  
por Ana Raquel Fernandes, Ricardo Faria e Susana Carneiro
- 104 \* : A pintura: O silêncio na pintura: reflexões em torno  
de alguns quadros de Vermeer, Friedrich e David  
por Margarida Calado
- 110 \* : A dança: O silêncio do corpo: entre imobilidade e movimento  
por Orlanda Azevedo
- 115 \* : Maria Velho da Costa (Inédito)
- 116 \* : António Ramos Rosa (Inédito)
- 117 \* : Manuel da Silva Ramos (Inédito)
- 120 ● : **Variações** (Entrevistas)
- 125 \* : António Ramos Rosa
- 132 \* : Urbano Tavares Rodrigues
- 135 \* : Jorge Silva Melo
- 144 \* : Graça Morais
- 150 \* : José Manuel Rodrigues
- 154 \* : Né Barros
- 158 ● : **Antologia** (Poesia, Imagens e Banda-Desenhada)
- 184 ● : **Textualidades** (Bibliografia Temática)

# Ficha Técnica

## Directora

Margarida Gil dos Reis

## Director Adjunto

João Ribeirete

## Subdirectora

Ana Raquel Fernandes

## Conselho Editorial

Ellen Sapegå (Univ. Wisconsin)

Fernando Guerreiro (Univ. Lisboa)

Helena Carvalhão Buescu (Univ. Lisboa)

João Ferreira Duarte (Univ. Lisboa)

Manuel Gusmão (Univ. Lisboa)

Maria de Lourdes Ferraz (Univ. Lisboa)

Paula Morão (Univ. Lisboa)

Paulo de Medeiros (Univ. Utrecht)

Susan Bassnett (Univ. Warwick)

Theo D'haen (Univ. Leuven)

## Redacção

Carla Braga, Cláudia Coutinho,

José Pedro Ferreira, Maria João Branco,

Orlanda Azevedo, Ricardo Faria,

Ricardo Paulouro, Sara Ramos Pinto,

## Departamento Artístico

David Carvalho, Joana Soberano,

Raimundo Pousada

## Design Gráfico

(coordenação) João Marrucho

(colaboração) Bolos Quentes | Albino Tavares, Duarte Amorim,

Miguel Marinheiro, Sérgio Couto

## Ilustração

Francisco Roldão

## Fotografia

Ana Horta, Araceli Mossino, Carlos Verissimo, David Carvalho, David Mendes, Filipe Bonito, Hugo Filipe Rascão, Ivana Bancel, João Bento, Luís Filipe Costa, Manuel Luís Cochofel, Margarida Chambel, Mónica Rodrigues, Pedro do Ó, Ricardo Faria, Ricardo Paulouro, Sérgio Couto

## Pintura

António Sem

## Escultura

João Castro Silva

Tiago Cabeça e Magda Ventura

## Capa

(concepção e fotografias) Bolos Quentes, João Marrucho,  
(fotografia) Pedro do Ó

## Impressão

Norprint, S.A.

## Distribuição

Audil, Lda.

## Propriedade

Centro de Estudos Comparatistas  
Faculdade de Letras – Univ. Lisboa  
textos\_pretextos@yahoogroups.com

## Tiragem

750 exemplares

## ISSN

1645-6017

## Depósito Legal

196 998 / 03

## Preço de Capa

10 Euros



# Resposta posta



Depois de ter sido repudiada por Narciso, Eco retirou-se para o mundo sombrio de cavernas e vales frios, onde escondeu os vestígios do seu corpo de ninfa. Sem corpo, apenas a sua voz subsistiu. Muitos consideraram que Eco agiu desta forma por desgosto amoroso. E talvez tenha sido assim a princípio. Mas no escuro, Eco, incorpórea e imortal, cedo começou a tecer os fios da sua vingança contra os mortais que, como Narciso, não entenderiam nunca a sua linguagem fragmentada. Esperou o tempo necessário e aos poucos (para não denunciar a sua empresa) começou a sair dos seus locais de exílio. Por sua influência, foram inventadas máquinas que transportam e reproduzem sons. Por seu capricho, também as imagens (primeiro congeladas, depois com movimento) entraram no seu domínio. Hoje, imagens e sons reproduzem-se num ritmo estonteante, numa espiral de ruído, que nos atordoa, mas da qual não conseguimos fugir. A nossa visão do mundo está estilhaçada em muitos pedaços, alguns escondidos e quase perdidos, outros muito visíveis e reproduzidos à saciedade. Eco domina as nossas vidas e, presidindo o Olimpo dos tempos modernos, daí executa calmamente a sua vingança.

No entanto, existe uma maneira de anular o ruído dominante e voltar a construir um sentido para as coisas: respondendo a Eco com o silêncio.

# Uma noite no teatro é uma noite que rompe o silêncio da passividade...

Entrevista a Jorge Silva Melo



“Interessa-me a abertura narrativa, não matar as personagens.”

Na literatura, no teatro ou no cinema, há palavras que se transformam em ruído, ruídos que terminam em silêncio, silêncios que se revelam eloquentes. Tomando justamente o tema – e os usos – do silêncio nas artes como *pretexto*, pedimos a Jorge Silva Melo que nos falasse da sua obra e do seu percurso enquanto criador.

Fundador, com Luís Miguel Cintra, do Teatro da Cornucópia, Jorge Silva Melo é actualmente director artístico dos Artistas Unidos, sociedade de que foi igualmente promotor. Realizou longas-metragens e documentários, entre os quais *Agosto*, *Coitado do Jorge* e *António*, *Um Rapaz De Lisboa*. É autor das peças *Seis Rapazes*, *Três Raparigas*, *António*, *Um Rapaz de Lisboa*, *O Fim Ou Tende Misericórdia de Nós*, *Prometeu*, *Num País Onde Não Querem Defender Os Meus Direitos*, *Eu Não Quero Viver* (baseado em Kleist), *Não Sei* (em colaboração com Miguel Borges) e *O Navio dos Negros*, dedicando-se ainda à tradução.

Jorge Silva Melo tem acompanhado as suas múltiplas actividades de uma permanente reflexão teórica e crítica, expressa em crónicas jornalísticas e outros escritos ensaísticos e, sobretudo, na elaboração seu próprio trabalho criativo.